

# Bandidos não querem deixar passar comboios para o Zimbabwe

— afirma José António Carroça libertado das garras inimigas  
por Mário Ferro (texto) e Carlos Calado (foto)

Quando os bandidos armados atacam os comboios na linha férrea de Chicualacuala, existe um objectivo: impedir o tráfego de mercadorias de e para o Zimbabwe, roubando produtos, tais como milho e açúcar, e assaltar os passageiros, saqueando-lhes todos os bens que levam consigo. Estas revelações foram feitas ontem de manhã, em Maputo, por José António Carroça, moçambicano, de 43 anos, casado e pai de quatro crianças menores, que esteve cativo dos bandidos armados durante cinco meses.

José António Carroça, disse aos jornalistas que voltou a ser um cidadão livre a partir do momento em que unidades das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), começaram a atacar os acampamentos dos bandidos armados na Província de Inhambane e ele conseguiu fugir. Durante vários meses, José António Carroça teve o mesmo cativo da Sra. Devi Bai e seu filho, Narendra Bhay, e de Eduardo Regado Ribeiro. Um grupo que se conheceu em condições extremamente difíceis e que fizeram, que como uma das pessoas confessou, nas cés e se entre eles uma forte e inesquecível amizade.

Trabalhando nos Caminhos de Ferro de Moçambique há 19 anos, José António Carroça exerce as funções de condutor de comboios. Foi no desempenho da sua missão que, no dia 18 de Abril de 1983, no percurso compreendido entre a Aldeia da Barragem e Mabalane, na linha férrea de Chicualacuala, foi feito cativo pelos bandidos armados.

— Eram cerca das 20.45 horas, quando a máquina accionou uma mina reforçada, colocada sob a linha. Após a explosão, a composição descarrilou e os bandidos abriram fogo com as suas armas, aproximando-se dos destroços do comboio. Acabei por ser capturado, juntamente com um amigo, que viajava comigo à boleia — afirma José António Carroça, que acrescenta:

— Nos vagões, a mercadoria que era transportada não interessava aos bandidos. Obrigaram-me, juntamente

com o meu amigo, a ir para o mato, com a comida que levava, roubaram-me toda a comida. Amarraram-me os braços com uma corda e obrigaram-me a caminhar. A noite, além dos braços, também amarraram-me as pernas, para eu não fugir.

José António Carroça afirma que a sua condição de prisioneiro se devia ao facto de ser funcionário dos Caminhos de Ferro, uma vez que o seu amigo, que não é ferroviário, recebeu ordens para regressar, mas para não dizer a ninguém que havia estado prisioneiro.

— Eles disseram ao meu amigo que as FPLM iriam fuzilá-lo se ele dissesse que fora capturado pelos bandidos armados. A mim, os bandidos disseram-me que não queriam que os comboios circulassem na linha para o Zimbabwe e perguntaram-me por que é que eu continuava a trabalhar para fazer andar os comboios. Disse-lhes que tinha de trabalhar e que em toda a minha vida nunca tinha recusado qualquer ordem superior — afirmou José António Carroça.

Durante muito tempo, andou de acampamento em acampamento, até que chegou a um onde se encontravam a Sra. Devi Bai e o filho, e Eduardo Regado Ribeiro. Tal como os restantes três elementos, ele também escutou a passagem de aviões sobre o local do cativo e soube, no dia seguinte, que os sul-africanos tinham lançado de pára-quadras cerca de nove toneladas de armamento diverso.

Mas antes, num outro acampamento, José António Carroça teve a grata

notícia de saber que Ezequiel Zacarias Coelho, de 36 anos, maquinista de locomotivas, se encontrava vivo e não morto; porém, o maquinista Coelho estava prisioneiro dos bandidos armados, tal como acontecia com ele.



José António Carroça, os bandidos só matam, roubam e destroem

Haja, nunca mais teve notícias suas. Ambos tiveram a oportunidade de conversar no cativo. Ezequiel Coe-

lho, foi feito prisioneiro no dia 16 de Fevereiro de 1983, quando os bandidos atacaram o comboio que transportava. No ataque, o fogueiro ficou gravemente ferido nas pernas, que não conseguia andar. A sangue-frio, segundo disse José António Carroça, os bandidos assassinaram a tiro o fogueiro.

José António Carroça disse que os bandidos armados têm comunicações via rádio com o que eles chamam de «exterior» e que, segundo afirmou, mais não é que a África do Sul. Que país na zona, senão a África do Sul, poderia mandar armas para os bandidos? — pergunta José António Carroça.

A sua libertação surgiu no momento em que unidades das Forças Armadas começaram a atacar as posições inimigas. A partir dessa altura, deixou de andar amarrado e tinha a movimentação mais facilitada, o que lhe possibilitou, na confusão da fuga em debandada dos bandidos, face ao ataque do Exército, fugir das garras inimigas em 25 de Setembro último.

Dois dias depois, chegou a um quartel no Distrito de Panda, tendo sido enviado depois para a sede distrital e mais tarde para Homolne, onde pernitoitou antes de chegar à Maxixe. No princípio deste mês, fez a travessia da baía de Inhambane, num barco, e chegou à capital provincial.

— Há um aspecto que gostaria de colocar ao nosso governo. As pessoas que trabalham nos comboios, deveriam receber treino militar para saber como actuar quando os bandidos armados atacam os comboios. Não sei se é possível, mas é uma preocupação minha — afirma José António Carroça, que de seguida recebe a pergunta de um jornalista:

- Tenciona retomar o trabalho?
- Sim, tenho de trabalhar!